

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Setembro 2020

GUIA DE LEITURA

O meu amor absoluto – Gabriel Tallent



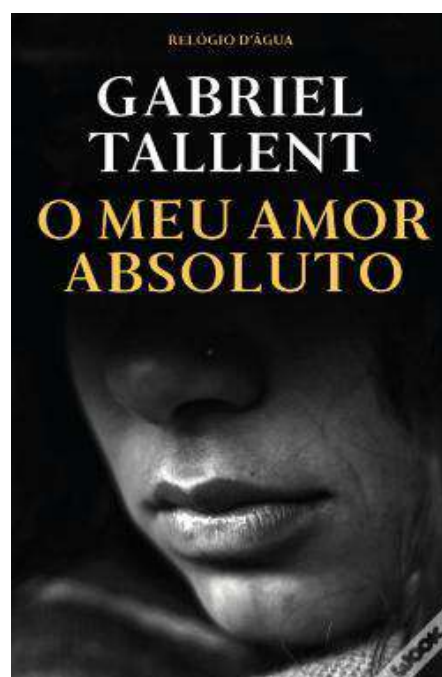
GABRIEL TALLENT

Biografia: Gabriel Tallent nasceu no Novo México e foi criado na costa de Mendocino por duas mães. Formou-se na Willamette University em 2010 e, após a graduação, passou duas temporadas como guia, a liderar equipas de jovens em trilhos no interior do noroeste da costa do Pacífico. Tallent mora em Salt Lake City.

O seu romance, *My Absolute Darling*, é uma estreia poderosa sobre a tentativa de uma jovem de 14 anos de se libertar da sua família opressora. Económico e corajoso, o assunto não é para os medrosos, mas a história é fascinante, o insight psicológico profundo e a prosa bela.

Sinopse de *O meu amor absoluto*:

Este primeiro livro de Gabriel Tallent, escrito aos 30 anos, é a revelação de um grande autor, tanto pela escrita como pelo facto de ter arriscado num tema difícil, sempre próximo do abismo. Turtle Alveston, com apenas 14 anos, é uma sobrevivente, ameaçada pelo amor asfixiante do pai, Martin. Vive em perigo constante, mas está longe de ser uma adolescente passiva e inocente. E, no entanto, tem apenas a referência de Jacob, no meio da paisagem desolada. O autor nunca esconde que o tema do livro é o abuso, psicológico e mesmo sexual, mas admite que até assim pode existir uma certa forma de amor e de prazer.



Gabriel Tallent: "Nenhum de nós vai sair vivo disto "

O mais recente fenómeno literário vem de um desconhecido: Gabriel Tallent. Um romance inesperado, cruel e subversivo, que provocou a curiosidade de críticos e leitores que ignoravam ser possível contar uma história de abuso e violência entre pai e filha de forma aceitável. Em entrevista ao DN, explica a origem desta história de terror familiar.



O escritor Gabriel Tallent © Alex Adams

João Céu e Silva

26 Fevereiro 2018

Durante anos, o autor desconhecido Gabriel Tallent escreveu um romance sobre uma jovem que vive com um pai que a ensina a disparar armas antes de saber as primeiras letras e é objeto de toda a violência possível de ser descrita num romance. Tanto assim é que, quando ficou consciente do que estava a escrever, Gabriel Tallent hesitou em continuar. Felizmente, não se ficou pelas primeiras dezenas de páginas e fez várias versões antes da final, tornando-o aceitável aos próprios olhos e uma narrativa tão inesperada como feroz, e impossível de se passar ao lado.

Lançado na rentrée literária de 2017, *Meu Amor Absoluto* foi rapidamente descoberto pela crítica de língua inglesa e, tanto nos Estados Unidos como em Inglaterra, os elogios foram tantos que até se podia desconfiar dessa unanimidade. Foi comparado por Stephen King à mítica Harper Lee e ao seu primeiro romance - e único enquanto lúcida - *Matem a Cotovia*. A revista Kirkus definiu-o como "uma poderosa história sobre abuso", o *The New York Times* salientou a capacidade de sobrevivência da protagonista e o *The*

Guardian como "estranho e notável". Quem o ler, decerto não esquecerá o poder da ficção.

Seis meses após o seu aparatoso aparecimento no mundo literário, que balanço faz da recepção ao seu *Meu Amor Absoluto*?

Sabe que não é só por essa razão que escrevemos. Nunca quis qualquer tipo de protagonismo no mundo literário nem senti qualquer controlo sobre a reação a *Meu Amor Absoluto*. Eu só queria escrever para que algum jovem pudesse retirar este livro de uma prateleira e sentir-se menos sozinho. Queria que fosse um livro numa prateleira de bons livros, numa livraria local, em algum lugar. Consegui isso, e conhecer os incríveis livreiros cujo objetivo é pôr os livros nas mãos das pessoas tem sido a grande e inesperada alegria de publicar este livro. Isso é mais do que eu jamais pensei ser possível.

Apesar de ter 14 anos, a sua protagonista pouco tem que ver com *Lolita* ou outras jovens bem-sucedidas na literatura. Porque a fez tão escura?

Para mim, a literatura parece cheia de lugares escuros. Acho que escrevi sobre a escuridão porque conheci pessoas reais que viveram a verdadeira escuridão. Essas são as pessoas para quem escrevo. Para aliviar essa escuridão, se for possível, mas não acredito que se consiga com lugares-comuns, antes levando a sério essa escuridão e tratando as pessoas como sujeitos das suas próprias histórias valiosas, histórias com tanta dignidade como quaisquer outras.

Os leitores mais jovens acreditarão na descrição que faz da formação de Turtle?

Conheci pessoas que passaram por situações piores, se é isso que está a perguntar. Se me pergunta se acho que contei a história de forma convincente, bem, acho que cada um faz o melhor que pode, dia após dia sentado à secretária, e espero ter feito justiça à história.

Acreditou sempre que poderia transformar Turtle numa jovem com forte personalidade em vez de alguém desadaptado para a vida?

A Turtle nem sempre é forte. Ela está perdida e dividida dentro de si mesma. Ela está mergulhada numa profunda escuridão moral e espiritual e não vê qual é o caminho a seguir. Alguns de nós nem sempre são fortes, mas não acho que isso pese na nossa aptidão para a vida. Alguns foram gravemente feridos. Alguns não estão a melhorar. É isso que valorizamos? Que as pessoas tenham conseguido passar sem mácula? Só podemos fazer o nosso caminho o melhor que conseguirmos e nenhum de nós vai sair vivo disto. Penso que as condições para uma boa vida estão noutra lugar.

Estava nos seus planos uma personagem feminina tão forte, ou a Turtle impôs-se?

Os meus planos incluíram a Turtle desde o início, por muito forte ou fraca que ela pudesse ser. Sabe que nós falamos em personagens femininas fortes porque muitas vezes os livros e os filmes estão cheios de donzelas; não têm personagens femininas ou falham no teste de Bechdel. Eu nunca aspirei a escrever personagens femininas fortes. É verdade que a Turtle não se parece muito com uma donzela, mas dizer que é uma personagem feminina forte faz parecer que eu a criei como um modelo de força - nunca foi isso que

pretendi. Eu sempre aspirei a criar personagens e a escrever para pessoas que nem sempre se sentiram inteiramente fortes.

A crítica do *The New York Times* dizia que Turtle era "quase destituída de interioridade". Aceita essa crítica?

Queria desesperadamente escrever e tentar colocar coisas verdadeiras na escrita. Tentamos transmitir essas coisas verdadeiras o melhor que podemos e, depois disso, já não conseguimos acompanhar o nosso trabalho. O que fazemos parte para o mundo praticamente sem nós. É por isso que trabalhamos insanamente ao escrever um livro.

Alguma vez se preocupou com a possibilidade de uma escrita/leitura de cariz voyeurista, em parte devido a cenas de violação demasiado explícitas?

A minha principal matéria de estudo foi a história cultural do século XVIII e essas preocupações aparecem com os primeiros romances ingleses. Fiz a minha tese sobre Pamela [romance de 1740 de Samuel Richardson] e a construção discursiva da interioridade como um exemplo disso. Então, sim, posso dizer que me preocupo com isso, mas acho que o desejo de apagar certos crimes não protege as pessoas de serem molestadas e é muitas vezes concomitante com o desejo de manter os sobreviventes silenciados e invisíveis. A Turtle comete erros. Ela está realmente terrivelmente perdida. Esses são os momentos que sugere serem excessivamente explícitos, mas espero que nesses momentos, quando ela está mais vulnerável, quando se sente desesperada e sem salvação possível, se consiga observar a sua inocência e a sua dignidade substancial e humana de uma maneira que ela própria não é capaz. Espero que o facto de entender isso mude a maneira como o leitor se vê nos seus próprios momentos de perdição e que assim veja a perdição de outras pessoas com mais compaixão. As recompensas parecem valer o risco.

Ao longo dos oito anos em que escreveu o romance alguma vez duvidou de que o fosse capaz de terminar?

Sim. Mas acabá-lo nunca foi uma questão porque não conseguia deixar de escrever. Acho que me levantava todos os dias e escrevia, e nunca serviu de nada preocupar-me com o aonde iria chegar, mas apenas em tentar dar o meu melhor enquanto estava a escrever.

Desde o início que decidiu terminar com um fim justo ou esteve tentado a ceder ao demónio?

Senti que iria seguir a Turtle para onde quer que ela fosse. Não conhecia nenhuma outra forma para escrever o romance que não fosse prestar uma atenção especial e constante à jovem, seguindo as suas escolhas da melhor maneira possível. Nunca a forçar a nada, antes levá-la e às suas decisões a sério.

O que há de autobiográfico nesta história?

Não, nada de autobiográfico no sentido em que o pergunta. No caminho da ficção, Turtle, Martin e Jacob e os acontecimentos das vidas deles são totalmente imaginários. Senti que compreendia algumas coisas bem verdadeiras sobre o sofrimento e como encontrar o

caminho quando se está perdido, e queria todas essas situações verdadeiras numa história completamente feita de mentiras. Não é esse o desígnio da ficção?

Qual foi o clique que o fez avançar neste Bonnie & Clyde mais contemporâneo?

O meu desejo era escrever um livro sobre cuidar. Creio que um dos nossos desígnios fundamentais na idade adulta é envolvermo-nos com um mundo maior do que nós, até mais importante do que nós, e ver corretamente o mundo que nos cerca. Considero que falhamos muitas vezes nesse desígnio essencial. As coisas de que mais precisamos, que mais amamos, que queremos possuir em absoluto ou queremos que sejam nossas, bem como o queremos mantê-las subjugadas ou acreditar que temos direito a elas porque a sua independência é intolerável. E no entanto nem o mundo nem nenhuma das pessoas nele é propriedade nossa. Vivemos aqui pela graça. Acho que é preciso coragem para viver dessa maneira e eu queria escrever sobre essa coragem.

O seu romance foi elogiado e comparado a inícios de carreira como o de Harper Lee com Mataram a Cotovia e Joseph Heller com Catch-22. Revê-se nesses textos inflamados da crítica?

Vi alguns atos extraordinários de cidadania literária e estou extremamente agradecido. Não creio que alguém tenha direito a esse tipo de ajuda, mas a bondade de outros escritores é algo que eu nunca deixarei de ter presente.

Acredita que irá rever-se numa quase certa adaptação ao cinema deste seu romance?

Penso que uma adaptação ao cinema está longe de ser certa e, se avançarmos, será porque encontrámos alguém apaixonado, alguém que quer contar uma história com coragem, coração e princípios. Nenhum empreendimento é sempre garantido, mas se alguma vez fizermos um filme será porque achamos que isso é possível. Não tenho interesse em ceder os direitos por nada menos do que isso.

Esperava ver o seu romance traduzido para português?

Não.

Toda a misoginia que pode haver num amor absoluto

Ao primeiro romance, uma ficção negra sobre a ambiguidade do amor, a violência e o medo da perda, Gabriel Tallent recebeu as atenções do mundo literário. *O Meu Amor Absoluto* é uma impiedosa história de sobrevivência.

Isabel Lucas 20 de Maio de 2018, 12:40 Público /Ipsílon

No princípio de tudo não havia Turtle, a rapariga atormentada e meio selvagem. Na cabeça do escritor, só existia a paisagem que a moldou e onde ela se refugiava nos momentos de maior sofrimento e raiva. É uma espécie de promontório sobre o Pacífico, chama-se Mendocino. Ao contrário de Turtle, Mendocino é real. Fica na Califórnia, e é um aglomerado de menos de mil habitantes conhecido pela comunidade hippie que lá morava nas décadas de 60 e 70 e que depois ficou, quando a localidade se transformou numa colónia de turistas e “transplantados” de Silicon Valley. Foi lá, numa família herdeira do espírito hippie, com a mãe e a mulher dela, que Gabriel Tallent, 30 anos, morou desde muito pequeno: “Não me lembro bem da data; não sou muito bom na minha biografia”, diz ao Ípsilon o autor de *O Meu Amor Absoluto*, agora editado em Portugal pela Relógio D’Água. Um dos mais elogiados romances de estreia de 2017, é um livro negro, centrado numa adolescente de 14 anos e nos sentimentos extremados – amor e ódio – que sente pelo pai, um quase monstro. Quase, uma vez que aqui “A estrada vem da vila, onde é possível ver prédios baixos e brancos com telhados de madeira em bico e tábuas de revestimento pirosas, depósitos de água que o tempo foi queimando num negrocastanho. Diante da vila, uma extensão de pradaria costeira que se esvai em sebes de arbustos, ciprestes corcundas e nodosos, o mar, leixões áridos e atapetados com numerosas congregações de aves.” Mendocino nunca aparece neste livro desligada de Turtle. É o lugar aos olhos dela, da rapariga que vive com o pai numa casa velha “aninhada na sua colina”, com uma janela a dar para a baía, um lugar que assim se torna o segundo protagonista do livro que Gabriel Tallent começou para ser uma coisa bem

diferente. “Eu queria escrever um livro sobre um lugar”, conta o escritor, depois de dizer que se inspirou para esse projecto no poema *The Seasons*, do escocês James Thomson (c.1700-1748), um texto sobre a paisagem, que entre outras influenciou a pintura de Turner. Turtle apareceu nesse contexto, mas, a dado momento, o romance de Tallent, o livro de Turtle e não o livro de Mendocino e da paisagem envolvente. “Já tinha anos de escrita quando senti que a coisa acertada, a coisa mais importante a fazer, seria dedicar o livro inteiramente a ela, e por isso Turtle talvez seja a génese do romance tal como ele é agora – mas antes disso trabalhei muito.” No total, foram oito anos até chegar à voz de Julia Alveston, a filha de Martin Alveston, por todos conhecida como Turtle. A rapariga do amor e do ódio inseguros, com péssima impressão de si mesma, que se sente “eivada de imperfeições”; introspectiva, treinada para não falhar um tiro, criada para a sobrevivência mais precária por um pai fanático que acredita que o fim do planeta está perto. A que se alimenta de ovos crus ao pequeno-almoço – retira-os da caixa, parte-os e deixa o seu conteúdo sair directamente da casca para a boca. A que é incapaz de socializar com os colegas da escola, solitária, misógina, convicta da sua falta de feminilidade, certa de que irá falhar em qualquer tarefa que não seja a de usar uma arma, e parte de um jogo perigoso, sujo, de que começou por ser vítima mas do qual se sente cúmplice.

Turtle é tão selvagem quanto a paisagem que a envolve. Ambígua, ora harmoniosa, ora cheia de arestas, a viver numa “dúvida paralisante”, escrava de uma intimidade inominável. “Todas as falhas de Martin são um segredo entre os dois”, lê-se. Ela e ele. Até que ela ganha consciência da sua condição no momento em que conhece as famílias de Brett e de Jacob, os dois rapazes que socorre na floresta. A normalidade deles devolve-lhe o retrato da sua própria bizzaria. “Mudar o ângulo do livro foi um pouco assustador”, salienta Gabriel Tallent, reconhecendo que este primeiro romance foi também a sua grande lição de escrita. “Quando percebi que este seria o livro de Turtle, senti um grande entusiasmo em escrever sobre ela de maneira persuasiva, vívida e séria, para honrar o que eu sentia que ela era. Chegar ao fim foi uma espécie de recompensa.”

É frequente dizer-se que alguém é misógino quando

odeia mulheres, mas e alguém que ama

incondicionalmente? Essa idealização é uma ameaça em

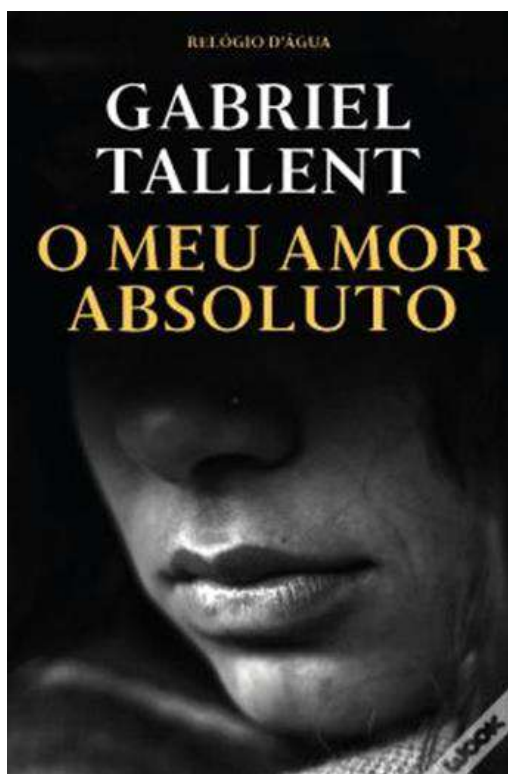
relação às pessoas que amamos

Fê-lo na tentativa de construir uma interioridade que desse a dimensão não apenas do sofrimento e da luta contra um trauma irremediável, mas também da ambiguidade que a caracteriza, por si só potenciadora desse sofrimento. “Quis que ela soasse real e dei muita atenção aos seus sentimentos. Quando se está a escrever, está-se a tentar captar qualquer

coisa que está além da explicação; algo muito sutil, demasiado irreduzível para que possa ser explicado, mas que se acredita ser verdadeiro acerca daquela pessoa. Tentei fazê-lo através de uma observação complexa da página. E há uma sensação que aparece quando se sente que se está a fazer isso bem, quando se está a escrever a partir de um bom instinto – como se tudo aquilo fosse verdadeiro. E fi-lo fugindo a estereótipos, tentando mover-me na sua subtileza, nos matizes da percepção de uma pessoa. Turtle é uma pessoa.” Nesse processo, Whitman e Toni Morrison foram as suas companhias. “Li muito Whitman e pensei muito em *Beloved*, de Toni Morrison. Acho que ela transforma de forma maravilhosa o significado em estilo. Também tive a ambição de criar uma coisa envolvente mas ao mesmo tempo distante, e daí a terceira pessoa a narrar, vergada ao modo como Turtle vê o mundo”.

Uma imagem distorcida

Conhecemos Turtle em interação com Martin, o homem que lhe chama de “meu amor absoluto”, e é nesse absoluto que Gabriel Tallent sustenta o romance. “Ela cresce atolada em emoções complicadas em relação ao pai. Ama-o e odeia-o. Para mim esta é uma história sobre Turtle a tentar encontrar força para resistir quando resistir não parece possível; na página, Martin tem de ser essa figura do impossível. Tenho de trazer o leitor para aqui, para que, como eu, ele possa entender por que é que ela gosta. As pessoas reais sentem essa ambivalência, esse conflito: amam pessoas que as odeiam, que as magoam. Tenho de fazer com que o leitor sinta essa vulnerabilidade, ou então falho, e o dilema de Turtle não fica claro.” Martin é o monstro que às vezes não é. O violador e o que protege. Pode haver alguma empatia? “Tentei fazer Martin tão difícil e lunático e tóxico que a ambivalência de Turtle, o amor de Turtle por ele e a dúvida que ao mesmo tempo sente, fizessem sentido.



Martin quer controlar a filha porque não tem a força [necessária] para tolerar que a pode perder. É uma condição humana fundamental, somos vulneráveis à perda das pessoas ou das coisas que amamos. Martin tenta manter para sempre uma coisa que não pode ser mantida.” O título do romance é essa frase que vai repetindo para manter Turtle por perto. A filha a quem também chama “croquete”, que não sabe como crescer mulher e que não suporta as outras mulheres porque Martin a ensinou a não as suportar para não ficar, como elas, vulnerável ao amor dos outros. Ele criou nela um ideal. “A idealização é perigosa”, diz Tallent. “A idealização das mulheres que amamos é outra forma de misoginia; é o sinal de uma relação perturbada. É muito frequente dizer-se que alguém

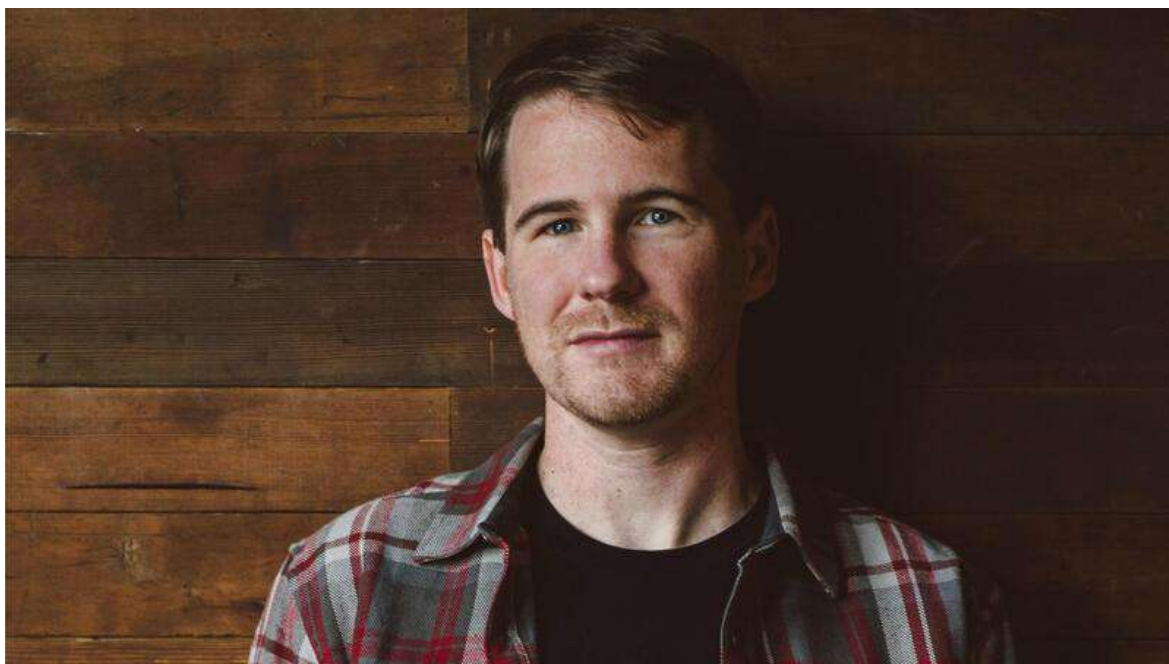
é misógino quando odeia mulheres, mas e o que dizer de alguém que ama incondicionalmente? Penso que esse exacerbar, essa idealização é uma ameaça, uma perturbação implícita em relação às pessoas que amamos.”

Turtle aparece aqui como uma versão absoluta dela e não como a versão real; não a rapariga ela mesma, mas uma imagem feita pelo pai num romance que toca aspectos muito actuais, ou, como Tallent prefere dizer, intemporais: a violência sobre as mulheres, o feminismo, as alterações climáticas, o capitalismo. Mas nada disso se sobrepõe à trama. Nada se sobrepõe a força da protagonista que Tallent criou e que Stephen King, por exemplo, comparou a algumas das que integram o cânone das grandes personagens feministas do romance americano. Como as de *Mataram a Cotovia*, de Harper Lee, ou *Catch-22*, de Joseph Heller.

Gabriel Tallent agradece a generosidade com que de desconhecido no mundo literário passou a ser sinónimo de grande esperança da ficção americana. Bastou-lhe um romance que o projectou a nível nacional e o deu a conhecer em várias línguas além do inglês. Como Turtle, é o rapaz que cresceu em Mendocino, onde há uma praia que se chama Portuguese Beach – “não sei de onde vem o nome”, ri –, que estudou literatura e vive em Salt Lake City desde 2012. O ano em que começou a ler Proust e Dostoiévski, autores que juntou aos seus favoritos: Herman Melville, Platão, Ésquilo, Anne Carson, Louise Glück. Ao contrário de Turtle, porém, ele não ia para a floresta procurar refúgio. Como os rapazes Brett e Jacob, procurava a aventura. Por isso, este não é um romance autobiográfico. E quanto a ser um romance político? “Cresci num ambiente feminista e é muito difícil para mim dizer se este é ou não um romance político. O que é a política? É o estudo do que é possível, o estudo de soluções para o governo do Estado, e essa não é uma coisa em que seja bom. Aqui na América sou um cidadão que vota, um cidadão comprometido com a política, mas enquanto escritor a política não é o meu primeiro compromisso. Acredito, no entanto, que há verdades morais sobre o mundo e que magoar pessoas é errado; isso pode justapor-se à política, mas não é política. Não sou um escritor político, não escrevo à procura de soluções políticas; tento iluminar experiências humanas. Se acredito que a violência sobre mulheres é um problema da nossa sociedade? Acredito. Sou politicamente feminista? Sou.”

Dois romances devastadores prometem deixar marcas

Não faltam novidades literárias para chegar às livrarias na primeira metade do ano, estando confirmados vários romances de autores portugueses. O destaque, no entanto, vai para dois grandes romances estrangeiros - ainda se desconhece a temática do novo de Lídia Jorge: os livros de Gabriel Tallent e de Fernando Aramburu



O desconhecido Gabriel Tallent vai revelar-se aos leitores portugueses

João Céu e Silva / Diário de Notícias

30 Dezembro 2017 — 01:10

O título português de *My Absolute Darling* já está escolhido: *O Meu Amor Absoluto*. É o romance de estreia de Gabriel Tallent, um autor mundialmente desconhecido mas que na *rentrée* literária norte-americana apareceu com o grande romance entre as novidades apresentadas. A editora Relógio d'Água comprou os direitos para Portugal e em fevereiro o seu valor literário já pode ser conferido pelos leitores.

Contrariamente a outros fenómenos de literatura fabricados pelas grandes editoras, tudo indica que *O Meu Amor Absoluto* não se fique pela propaganda, pois quem já o leu na edição inglesa - a Portugal chegaram alguns poucos exemplares - considera estar-se perante uma grande obra. Seja a nível de violência emocional, suportada por uma narrativa excelente, seja pela forma como o relato vai crescendo e confronta o leitor com um drama impiedoso numa história em que um pai transforma a sua filha a seu bel-prazer. Turtle é uma menina que aos seis anos recebe a primeira arma de presente e aos 14 tem muito melhor pontaria que notas escolares. Martin é um pai que prepara a filha contra todos os males do mundo, infligindo-lhe outros, como o abuso sexual.

Não se vai contar mais da história mas sim a do livro, sobre o qual no final de agosto a crítica do *The New York Times* dizia ser "um romance de estreia que desce à escuridão" e garantia que,

num "mundo literário muitas vezes claustrofóbico, Tallent parece ter chegado [aos 30 anos] já formado". Entre os elementos biográficos, destaca-se a tradicional história do escritor esforçado que serve à mesa de restaurantes para pagar as contas e vive no interior até ao momento em que consegue vender o seu original à editora Riverhead em 2015. Nada disto importa, pois o romance ultrapassa todos os fait-divers montados para o promover.

Se a opinião da crítica é unânime, editores de todo o mundo têm feito fila para o ter no seu catálogo. É o caso de Francisco Vale, que espera uma boa receção ao livro: "Merece-o, mesmo que saiba que no caso da primeira obra a descoberta pelos leitores será provavelmente lenta e dependente da atenção dos críticos." Considera que *O Meu Amor Absoluto* "põe à prova as características dos leitores, pois só os melhores serão capazes de vencer a dificuldade inicial criada por descrições violentas. O tema do tratamento brutal de uma adolescente de 14 anos e a relação sexualizada que o pai lhe impõe não é um tema fácil. Mas Tallent transformou esse tema em excelente literatura".

Para o editor da Relógio d'Água, este primeiro livro de Gabriel Tallent é a revelação de um "grande autor", tanto pela escrita como pelo facto de ter "arriscado num tema difícil e sempre próximo do abismo". Francisco Vale alerta para o facto de nunca se saber se "uma excelente estreia será confirmada, mas o que se vê é a capacidade inicial de criar uma personagem notável, ameaçada pelo amor asfixiante do pai, que vive em perigo constante, mas nunca apresentada com uma rapariga passiva e inocente".

O segundo grande romance de 2018 será *Pátria*, do espanhol Fernando Aramburu, lançado em setembro de 2016 e que chega pela D. Quixote em maio. Um romance que trata das três décadas de conflito terrorista no País Basco, mais importante ainda porque o país continua envolvido na resolução das feridas provocadas pela Guerra Civil de 1936 e nunca saradas. O argumento é o seguinte: no dia em que a ETA anuncia o fim da luta armada, Bittori vai ao cemitério visitar a campa do marido, assassinado por terroristas. A mulher decide também voltar à casa de onde tinha sido obrigada a fugir e o seu regresso irá fazer ressurgir muitas questões entre moradores na povoação e o que as provocou.

O mais interessante desta narrativa é o modo como Aramburu consegue criar um elemento de suspense inicial - que manterá sempre - ao colocar o regresso da viúva em várias fases, possibilitando a compreensão de todo o cenário que irá dar razão de ser a este romance que já vai em 20 edições, premiado e elogiado por todos os setores da sociedade espanhola. Em outubro, Aramburu recebeu o Prémio Nacional de Narrativa, tendo o júri destacado a "vontade de escrever um romance global sobre estes anos complexos no País Basco". O registo deste *Pátria* segue o que já tinha utilizado num livro de 2006, *Los Peces de la Amargura*, que reunia vários escritos sobre esta mesma época e os motivos pessoais para se montar durante décadas uma sociedade em que o ódio e o mal eram as principais referências da realidade.

Muitas novidades nacionais

Entre as novidades nacionais, a boa notícia deste primeiro semestre é o regresso de Lídia Jorge ao grande romance. A escritora não revela título nem a história, mas (diz-se) prometeu à editora a sua entrega de modo a já estar presente na Feira do Livro.

Novidade, com a característica de ser uma recolha de textos dispersos, é um dos primeiros livros a chegar às livrarias em janeiro: *Manobras de Guerrilha*, de Bruno Vieira Amaral. O autor selecionou 288 páginas de escritos avulsos e dividiu em três grandes temáticas: retratos, reportagens e ensaios. Os temas são diversos, explica, e vêm de origens diversas: "Jornais, blogues, festivais

literários... Quis reunir tanto bioficção como crónicas, reportagens sobre lugares onde estive, escritos desde 2008, e que, sendo de difícil catalogação, exigiram uma organização especial."

Entre os autores portugueses existem ainda vários novos títulos anunciados. É o caso de *Um Muro no Meio do Caminho*, de Julieta Monginho; o novo de João Tordo, *Ensina-me a Voar sobre os Telhados*; *O Fogo Será a Tua Casa*, de Nuno Camarneiro; o primeiro romance de José Gardezabal, *Meio Homem, Metade Baleia*; *Ecologia*, de Joana Bértholo; um livro de contos de Isabela Figueiredo, e os sem título ainda de Dulce Maria Cardoso, Rodrigo Guedes de Carvalho e Rui Cardoso Martins.

De autores estrangeiros surge *Homem-Tigre*, do indonésio Eka Kurniawan, que esteve na lista inicial do Man Booker em 2016, bem como *Aqui Estou*, de Jonathan Safran Froer. Vão ser editados vários romances do Brasil, como o segundo de Fernanda Torres, *A Glória e o Seu Cortejo de Horrores*, que conta histórias dos bastidores da televisão e do teatro brasileiros; *Adeus, Bangladesh*, uma coleção de contos de Eric Nepomuceno, ou *Eles Eram Muitos Cavalos*, de Luiz Ruffato.

O policial continua em força, com destaque para um livro que está a fazer furor em vários países depois de ser apresentado na Feira do Livro de Frankfurt. Trata-se de *O Homem de Giz*, de C.J. Tudor, de que se diz ter influências de Stephen King e o toque de Irvin Welsh e conter uma narrativa diferente e um suspense levado ao limite. Também se destaca *O Caso de Nero Wolf*, de Robert Goldsborough, bem como *Uma Reputação Perigosa*, de Madeline Hunter, ou *Em Queda Livre*, de Simona Ahrnstedt, esta considerada (também) a rainha escandinava do género. No thriller virá *Matar o Presidente*, de Sam Bourne, que traz referências à atual situação naquele país, além do cenário de um conflito com o regime norte-coreano. Esperado é também *Talento para Matar*, de Robert Wilson, que é inspirado num episódio real protagonizado por Agatha Christie.

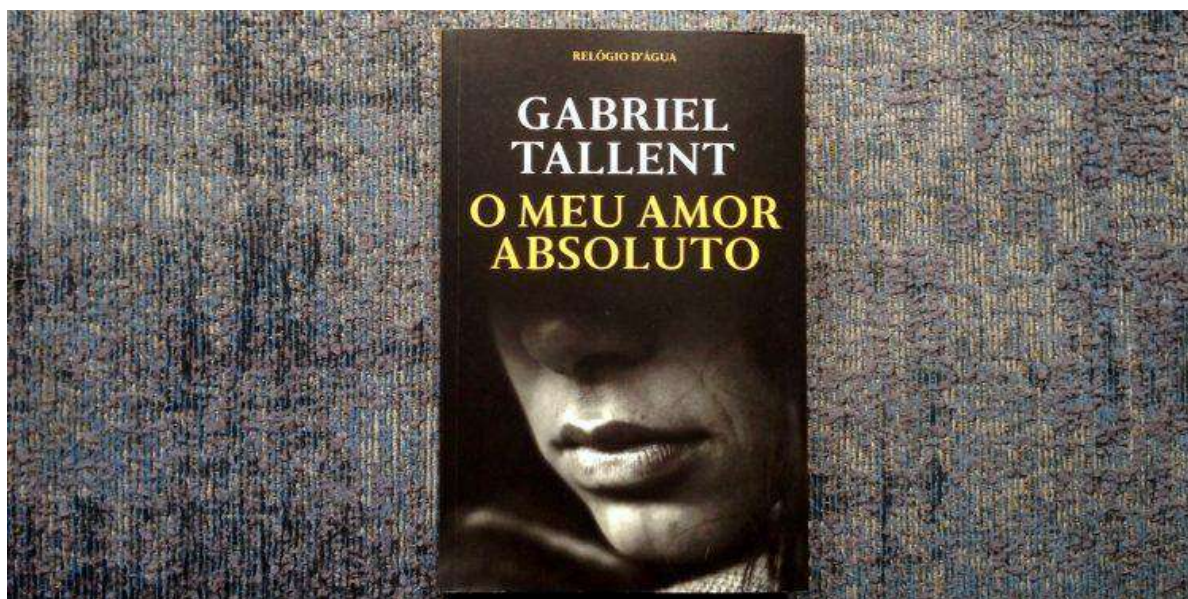
Entre os mais esperados de 2018 estará o novo de Yuval Noah Harari, *Vinte e Uma Lições para o Século XXI*, após o sucesso mundial de *Sapiens* e *Homo Deus*, com temas como a imigração e o terrorismo.

Gabriel Tallent traz-nos a crua dureza do abuso, em ‘O Meu Amor Absoluto’

por Miguel Fernandes Duarte

23 Abril, 2018

em Críticas, Livros



Ao imaginarmos um fanático de armas obcecado com a sobrevivência, provavelmente pensaremos, principalmente se o nosso referencial se encontrar na Europa e não nos Estados Unidos da América, em alguém bruto, buçal, encerrado em ideias feitas e em ideiais considerados retrógados para os nossos olhos de hoje. Pintá-lo-emos como um *redneck*, um daqueles homens vindos da imagem que temos da América que elegeu Donald Trump, conscientes da dureza das suas vidas, quiçá, mas incoscientes da sua realidade, quase sempre mais complicada que as imagens que nos são pintadas, nem sempre permitindo classificações tão lineares.

O Meu Amor Absoluto é a estreia literária de **Gabriel Tallent**, autor americano que vê a sua ficção, um ano depois de originalmente publicada, chegar à língua portuguesa através da editora **Relógio d'Água**. Obra de portentoso peso dramático, conta a história de Turtle, rapariga de 14 anos que vive com o seu pai, Martin, perto de Mendocino, Califórnia, a sua mãe morta há vários anos, crê-se que por suicídio.

Nesta casa, cada manhã começa com Martin a abrir uma cerveja na bancada, ou com os dentes, e com Turtle a abrir ovos directamente para a sua boca, antes de ambos rumarem, a pé, à paragem onde Turtle apanhará o autocarro para a escola. Rapidamente se torna aparente que há algo de errado nesta relação paternal, na casa que é deixada ao desleixo, com aranhas a habitar na casa de banho, tábuas desfeitas e louça carcomida, e no próprio crescimento de Turtle.

Educada pelo pai no disparo de armas de fogo desde os 6 anos de idade, a adolescente é mestre no manejo de pistolas, espingardas e caçadeiras, e em todo o tipo de actividades nas quais a sobrevivência seja posta em causa. Faz caminhadas na natureza descalça, come escorpiões selvagens, é capaz de sobreviver a uma tempestade dentro do toco de uma árvore. No entanto, fracassa na escola, e o seu pai, Martin, insta-a a fazer melhor, ainda que acabe por contrariar as suas próprias palavras quando, ao invés de ajudar a filha com os trabalhos de vocabulário que tanto lhe causam dificuldade, obriga Turtle a disparar a alvos ou a fazer elevações enquanto o pai lhe deixa uma faca pousada na coxa, impedindo-a, portanto, de parar até ao momento em que ele o decida.

Mas, à parte deste misto de dureza e descuido, Martin surge-nos também como alguém culto, que passa os seus dias a ler filósofos como Descartes ou Hume, ao mesmo tempo que instrui a filha sobre os perigos que se vão abater sobre a humanidade devido às alterações climáticas, mais perto do fim dos tempos a cada dia que passa, e acaba por ser também devido a esta sua percepção de um eminente desastre ecológico mundial, com origem nos descuidos e na ganância do ser humano, que Martin instrui a sua filha em tudo o que necessita de saber para sobreviver.

Carácter ambíguo, Martin não é uma personalidade simples, levado, diz ele, a fazer o que faz pelo seu amor e preocupação para com Turtle, “a sua croquete”, como lhe chama. Até que nos é mostrado o quão perverso esse amor pela filha pode ser e em como, afinal, as prioridades de Martin se encontram invertidas. É que, além de tudo o resto, ele abusa também sexualmente da sua filha. Mas se, para nós que vemos de fora, Martin passa, a partir deste momento, a ser facilmente enquadrável numa longa lista de pessoas com comportamentos odiáveis, ambíguo continua a ser para Turtle, que, reconhecendo todo o abuso do seu pai, vê nele também tudo o que de bom lhe traz, um misto de desconhecimento do funcionamento de outras famílias conjugado com o dito fenómeno da síndrome de Estocolmo, onde o abusado desenvolve uma afeição pelo seu abusador.



Gabriel Tallent, por Alex Adams

O Meu Amor Absoluto é, portanto, uma história de abuso, psicológico e físico, e Turtle uma rapariga presa entre, por um lado, a vontade de se livrar desse mesmo abuso, e, por outro, um amor pelo seu pai que lhe surge como o único alguém que a compreende, aquele que, apesar dos seus defeitos, sempre se preocupou com o bem-estar dela.

Se às vezes, nomeadamente quando a narrativa envolve corpos e descrições sexuais, se sente que é um homem quem está por detrás desta escrita, e ainda que certas decisões narrativas pareçam algo exageradas ou desnecessárias – em certas alturas tornando-se mais thriller e menos romance psicológico-abusador (onde encontra a sua faceta mais forte) – Gabriel Tallent serve-nos este prato com mestria inspirada nas obras e nos universos crus de alguém como Cormac McCarthy, e, correndo o risco de utilizar trocadilhos fáceis, é inegável que possui talento para a escrita. Tal é por demais evidente quando nos vemos a braços com as suas descrições da natureza, por exemplo, onde se evidencia um autor que tem certamente, com o mundo selvagem, uma estreita relação, e esta torna-se parte da obra em momentos que servem, muitas vezes, como pausas no fulgor agitado da narrativa, um tempo de descanso para apreciação do que há de belo na relação entre flora e fauna, na qual, claro, se inclui o Homem.

São pausas bem-vindas, porque um romance da envergadura dramática de *O Meu Amor Absoluto* não pode nunca ser um livro de leitura fácil, suscitando no leitor reacções

viscerais a uma relação tão obsessiva e destrutiva como a de Turtle e Martin. Mas mesmo perante tal advertência de dureza narrativa, é importante que não nos escondamos de tais narrativas, quase ignorando a sua existência atrás de uma classificação de horror demasiado pragmática. Uma relação desta natureza não pode nunca ser de interpretação fácil, e Gabriel Tallent cumpre o seu papel de nos mostrar como pode Turtle, não sendo sequer uma rapariga passiva, amar um pai que, para o que interessa, com a desculpa de a preparar para a vida, não foi nunca capaz de criar a sua filha para mais do que a morte.